



A interação entre o passado e o presente na construção da imagem imperial de Galba em Tácito

The interaction between the past and the present in the construction of the imperial image of Galba in Tacitus

CEOLA, Adriele Andrade<sup>1</sup>

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente proposta tem como objetivo apresentar uma análise da imagem imperial de Galba formada por Cornélio Tácito, considerando a relação que o passado e o presente tiveram nas narrativas históricas do historiador. Tácito, além de historiador, foi um político atuante visto que desempenhou magistraturas no cenário político romano; esse aspecto de sua vida está presente em sua *Histórias*, obra composta no período do principado. Suas narrativas históricas foram produzidas durante o governo dos primeiros antoninos e duas de suas características marcantes eram a preocupação

<sup>1</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Maringá – UEM (2014), e mestrado em História pela Universidade Estadual de Maringá – UEM (2017). E-mail: adriceola@hotmail.com

<sup>2</sup> Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (1986), mestrado em História pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP (1993) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo - USP (2000). Atualmente é professora associada, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado e Doutorado) e junto ao Mestrado Profissional em História da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: rlbv65@gmail.com

com a retórica e as reflexões políticas sobre os fatos narrados.

**Palavras-chave:** Tácito; Narrativas Históricas; Principado; Imagem Imperial.

**Abstract:** The following proposition aims to present an analysis of the imperial image of Galba as presented by Cornelius Tacitus, taking in consideration the relation that the past and the present had in the historical narratives of this historian. Besides being a historian, Tacitus was an active politician, since he was in charge of many magistracies of the Roman political scene; this aspect of his life is clearly present in his *Historiae*, work composed in the period of the Principate. His historical narratives were written during the government of the first Antonines, and two of his striking characteristics were the attention to rhetoric and the political reflections of the narrated facts.

**Keywords:** Tacitus; Historical Narratives; Principate; Imperial Image.

## Introdução

O historiador “é sempre de um tempo; aquele em que o acaso o fez nascer e do qual ele abraça, as inclinações, os pressupostos” (RÉMOND, 1996, p.13). A afirmação de RéneRémond (1996) exemplifica o amplo debate em torno das reflexões a respeito da escrita da história. A relação entre o passado e o presente é parte integrante do ofício do historiador, também perpetuada pela École dês *Annales* nas palavras de Marc Bloch :

[Pois, em primeiro lugar,] a própria ideia de que o passado, enquanto tal, possa ser objeto de ciência é absurda. Como, sem uma decantação prévia, poderíamos fazer, de fenômenos que não têm outra característica comum a não ser não terem sido contemporâneos, matéria de um conhecimento racional? Será possível imaginar, em contrapartida, uma ciência total do Universo, em seu estado presente? (BLOCH, 2002, p. 52)

O passado não é entendido como um objeto ou fenômeno isolado e objetivo esperando para ser estudado, mas são acontecimentos para os quais os historiadores se voltam com questionamentos pertinentes em seus presentes e buscam respostas sobre os fatos e seus motivos. A compreensão da relação entre o passado e o presente também acompanhou a construção da narrativa histórica desde os tempos mais antigos. Heródoto (485-420 a.C.), por exemplo, expôs seu método da seguinte forma:

Disse até aqui o que vi e o que consegui saber por mim mesmo em minhas pesquisas. Falarei agora do país, baseado no que me disseram os Egípcios, acrescentando à minha narrativa o que tive ocasião de observar com meus próprios olhos. (HERÓDOTO, *Histórias*, II: 99)

Heródoto propõe a investigação dos fatos narrados. Em seu método observamos a existência de interrogações em torno dos testemunhos à disposição do historiador, mais recorrente na narrativa de Tucídides (460-400 a.C.) a respeito da guerra entre atenienses e espartanos, entre os anos de 431-404 a.C. A narrativa se configura a partir de ações praticadas no decorrer da guerra do Peloponeso, ou seja, o saber histórico pressupõe o domínio dos acontecimentos presentes.

Dentre os romanos não havia uma metodologia homogênea de composição da história, mas seguiram como base essa tradição iniciada por Heródoto e Tucídides. Nas narrativas históricas de Cornélio Tácito (55-120 d.C.) também é possível encontrar muitas das características propostas pelos autores gregos, pois abordou os assuntos políticos, e no caso da *Histórias* deu grande expressividade aos acontecimentos bélicos, não excluindo os povos estrangeiros na composição do texto. Ademais, o historiador deixou transparecer sua leitura acerca dos imperadores sujeitos dos acontecimentos, em específico uma imagem para Galba, donde podemos extrair a opinião de Tácito a partir da descrição do primeiro imperador de 69 d.C. acerca de assuntos de sua contemporaneidade que se encontrava no governo dos primeiros antoninos.

### Aspectos das narrativas históricas de Cornélio Tácito

A respeito de *Publius Cornelius Tacitus* as informações são incertas. Elas são oriundas do pouco que fala sobre si em suas obras, das epístolas de Plínio, o jovem (61-114 d.C.) e de algumas inscrições encontradas na antiga província da Ásia, onde foi governador.

Acredita-se que nasceu na província da Gália ou ao norte da Itália, aproximadamente no ano de 55 d.C., ainda no governo de Nero (37-68 d.C., governou entre 54-68 d.C.), e provavelmente sua morte se deu no ano de 120 d.C., sob o governo de Adriano (76-138 d.C., governou entre 117-138 d.C.). Tácito pertenceu à aristocracia provinciana do Império, mas de acordo com Syme (1958) sua educação possivelmente se realizou em Roma. Originário de uma família da ordem equestre, iniciou sua carreira ainda jovem como tribuno militar e advogado, destacou-se por sua eloquência e os estudos atuais apontam que foi discípulo de Quintiliano (35-95 d.C.). Paratore (1983) menciona que ele começou a avançar nas magistraturas devido à influência de seu sogro Cn. Julio Agrícola (40-93 d.C.), distinto homem político de seu tempo.

Supõe-se que no ano de 79 d.C. pouco antes da morte de Vespasiano (9-79 d.C., governou entre 69-79 d.C.), Tácito chegou a questura, e exerceu tal cargo durante o governo de Tito (39-81 d.C., governou entre 79-81 d.C.), e no ano de 88 d.C., no reinado de Domiciano (51-96 d.C., governou entre 81-96 d.C.), alcançou a pretura. No ano de 89 d.C. foi designado a exercer funções fora de Roma, nas províncias norte-ocidentais, possivelmente na Germânia. Já no ano de 97 d.C., entre o principado de Nerva (30-98 d.C., governou entre 96-98 d.C.) e Trajano (53-117 d.C., governou entre 98-117 d.C.), assumiu o consulado e proconsulado e no ano de 112 d.C. atingiu o posto de governador da Província da Ásia. Podemos ainda mencionar que além de homem público, Tácito escreveu diversas obras, em diferentes estilos. Assim, as que atualmente recebem sua autoria são principalmente: *Germânia*, *Vida de Júlio Agrícola*, *Diálogo de Oradores*, *Histórias e Anais*.

A obra *Histórias*, selecionada para o presente estudo, foi produzida por volta de 103 e 108 d.C., apresenta-se como uma narrativa histórica cuja pretensão seria a de abordar o ano de 69 d.C. dos governos de Galba (3-69 d.C., governou entre 68-69 d.C.), Otão (32-69 d.C., governou em 69 d.C.), Vitélio (15-69 d.C., governou em 69 d.C.) e Vespasiano, até os governos de Nerva e Trajano. Há indícios de que Tácito não completou seu intento de narrar os reinados dos referidos imperadores Nerva e Trajano, e sim até o governo de Domiciano. Vale lembrar que as narrativas compreendem alguns anos da

vida do historiador, o que significa que ele provavelmente tenha presenciado alguns eventos ou que tenha ouvido acerca deles por meio de fontes consideradas seguras. Atualmente, há quatro livros completos de *Histórias* e um quinto, incompleto, de doze volumes.

A *Histórias* narra de forma detalhada os relatos de combates das guerras civis, juntamente com descrições dos acampamentos, caracterização de personagens paralelas e traz transcrições de discursos inteiros. Além disso, concomitantemente às descrições do que julgava ser ruim, Tácito declarava o que os atuais imperadores não podiam fazer. Essa tática de narrativa repete-se nos *Anais* de modo mais severo.

De acordo com Momigliano (2004) Cornélio Tácito foi reconhecido como historiador por excelência devido às suas narrativas históricas de *Histórias* e *Anais*. Essa identidade encontra-se na correspondência de Plínio, o jovem (62-113 d.C.):

Tenho o convencimento, convencimento de que estou seguro que é certo, de que tuas histórias serão imortais; pelo que desejo ainda mais (o admito francamente) ser incluído nelas. Pois, se frequentemente é para nós um motivo de profunda preocupação que nosso retrato seja realizado pelo melhor dos artistas, ao acaso não devemos desejar que nossos feitos tenham a sorte de encontrar alguém semelhante a ti para que os descreva e elogie? (PLÍNIO, O JOVEM. *Cartas* VII: 33, 1-2).<sup>3</sup>

Plínio, o jovem, expressa a vontade de fazer parte das narrativas históricas do historiador. Apesar de evidente interesse, ele expressa o talento de Tácito no ofício da história. No entanto, podemos considerar que os elogios podem ser de caráter retórico e destinados ao convencimento a fim de que seu pedido fosse aceito; mas, certamente, expõem o reconhecimento de Tácito como um autêntico historiador.

Durante a antiguidade, a história era um gênero discursivo e, portanto, tratada no campo da retórica e oratória. Auerbach (1994) destaca que o historiador latino foi um excelente retórico e orador, e os discursos encontrados em suas obras não foram meros demonstrativos estéticos, pois ao dar voz aos personagens envolvidos nos fatos de suas narrativas demonstrou sua opinião. Isso pressupõe que Tácito, por meio de discursos agradáveis que despertavam o interesse do público, conseguiu transmitir uma mensagem secundária.

Com a ideia semelhante Levene (2009) aborda que um dos recursos oratórios que Tácito utilizoufoia transcrição de discursos no interior de sua *Histórias*. Estes estão ligados à sua análise acerca do poder imperial. Contudo, nas transcrições das falas, o historiador não questionou essa autoridade, mas revelou um modelo em crise, à qual aquele poder estava frequentemente exposto. Com efeito, tais discursos denunciavam as tensões existentes.

O momento político em que o historiador viveu requeria cuidados com a oratória e com os discursos. Tendo em vista que o poder se concentrava nas mãos do imperador e não mais estava dividido entre os magistrados, como na República, o contexto era

<sup>3</sup> Tengo el convencimiento, convencimiento de que estoy seguro resultará cierto, de que tus historias serán inmortales; por lo que deseo aún mas (lo admito francamente) ser incluido en ellas. Pues, si suele ser para nosotros un motivo de honda preocupación que nuestro retrato sea realizado por el mejor de los artistas, ¿acaso no debemos desear que nuestros hechos tengan la suerte de encontrar a alguien semejan te a ti para que los describa y elogie? (PLÍNIO, O JOVEM, *Cartas*, VII: 33, 1-2).

doravante marcado por uma quantidade menor de debates senatoriais e de persuasões públicas e, sendo assim, demandou abreviações.

Seguindo essa perspectiva, Cornélio Tácito teve formação na oratória antes de pretender ser um historiador possivelmente Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) foi seu modelo. Essa influência pode ter se estendido até a concepção de *historia magistra vitae* no historiador, embora existam muitas dúvidas a esse respeito. Hartog (2001) aceita a ideia de que a história que Tácito empreendeu mantinha as características dessa como mestra da vida. Porém, nesse momento, os traços otimistas deram lugar aos pessimistas: a história contava a grandeza do passado e as obras taciteanas tentaram exprimir uma lição das narrativas históricas.

Tácito não demonstrou seus artifícios retóricos somente na transcrição de discursos; podemos encontrá-los também em seu prefácio:

[...] mas aquele que professar inviolável fidelidade para a verdade, deve escrever de nenhum homem com afeição ou ódio. Já o restante de minha vida, reservei minha velhice para a história do deificado reinado de Nerva e o governo de Trajano, os mais ricos e menos perigosos dos anos, pois são de rara fortuna, de anos que nós podemos sentir o que desejamos e podemos dizer o que sentimos (TÁCITO, *Histórias*, Livro I: I).<sup>4</sup>

O historiador latino assinalou que não iria escrever com ódio ou amor para que a verdade fosse alcançada. Por outro lado, esse trecho é possivelmente retórico, pois ele se demonstrou contraditório aos olhos modernos com sua assertiva, porque defendeu a imparcialidade do historiador, assim como deve narrar e ser fiel à verdade, bem como não demonstrar nenhum sentimento para o público sujeito da narração, ao mesmo tempo em que afirmou reservar sua maturidade para discorrer sobre os imperadores Nerva e Trajano. Ao considerarmos que Tácito compôs as *Histórias* durante o reinado de Trajano, sua afirmativa pode expressar também o sentimento de tranquilidade que o reinado do imperador inspirou.

No que tange ao propósito dos trabalhos de Tácito, a identificação da moralidade de suas obras é um dos temas mais comentados nos trabalhos atuais. Syme (1958) afirma que houve grande influência de Salústio (86-35 a.C.) em seus escritos e salienta que os capítulos iniciais das obras taciteanas são claramente tributos ao autor sabino, visto que expressam a moralidade bem como outras características comuns a ambos, entre as quais o uso de transcrição de discursos antes de narrar os eventos e o fato de retratarem seus propósitos de forma moralista. Oakley (2009) concorda com essa perspectiva quando analisa o vocabulário do historiador do principado e identifica nele arcaísmo, poesias e metáforas, as quais impactavam os espectadores e que podem ser igualmente encontradas no autor contemporâneo da república.

Os estudos atuais, como os de Griffin (2009) identificam a moralidade em Cornélio Tácito também proveniente do trabalho de Tito Lívio (59 a.C.-1 d.C.), devido as narrações mais positivas se direcionarem ao período conhecido como republicano. Um desses lugares de encontro entre as ideias dos autores eram os prefácios: o momento

<sup>4</sup> [...] but those who profess inviolable fidelity to truth must write of no man with affection or with hatred. Yet if my life but last, I have reserved for my old age the history of the deified Nerva's reign and of Trajan's rule, a richer and less perilous subject, because of the rare good fortune of an age in which we may feel what we wish and may say what we feel" (TACITUS, *Histories*, Book I: I).

em que Lívio descrevia sobre a diferença entre a moral do presente e do passado com um bom esforço retórico é similar nos escritos do historiador latino. Todavia, sabemos que o historiador paduano escreveu de forma mais romanceada do que o historiador do principado, já que não teve amesmoprática da vida política.

A moralidade em Tácito, influência desses outros autores romanos, pode ser encontrada mais uma vez em meio aos seus escritos quando se refere à ideia do que seja o trabalho dos historiadores quanto à conduta dos imperadores:

[...] Mas depois da Batalha do Ácio, quando os interesses de paz requereram que todo o poder deveria se concentrar nas mãos de um único homem, escritores de mesma habilidade desapareceram; nesse momento a verdade histórica foi prejudicada de diversas maneiras: primeiro, pois os homens eram ignorantes acerca da política e esses assuntos não compunham suas preocupações; mais tarde, por causa de seu desejo apaixonado de bajular; ou ainda, por causa do ódio de seus mestres. Então, entre a hostilidade de um grupo e a servidão do outro, posteriormente foi negligenciada. Porém, enquanto os homens rapidamente transformam o historiador em quem consegue favores, eles escutam com ouvidos prontos para caluniar e ressentir; a adulação está sujeita a vergonha e servilismo, mas maldosamente mostra uma falsa sensação de independência (TÁCITO, *Histórias*, Livro I: I).<sup>5</sup>

Esse fragmento da obra remete primeiramente à instauração do Principado, visto que a batalha do Ácio foi considerada o marco inicial desse modelo de governo. O Império em questão oficializou o poder concentrado nas mãos de um único homem, embora as antigas instituições republicanas tenham sido mantidas; essas medidas visavam à paz, já que os anos finais da República foram marcados por intensos conflitos e guerras civis. Devido a essa concentração de poder, Tácito sublinha que a liberdade da escrita da história foi afetada, pois agora havia interesses na escrita, com o objetivo de bajular e adular o imperador, o que caracterizava uma servidão, bem como depreciar e maldizer o governante, o que certamente prejudicava a verdade que as narrativas históricas deveriam conter. O discurso taciteano destaca a queda da moralidade não apenas do imperador, mas dos grupos sociais romanos que se vendiam e bajulavam, frutos da decadência moral da plebe urbana.

Outra questão interessante que o historiador latino afirma nesse trecho é o uso que os historiadores faziam da história em prol do governo. Tal fato sugere que os escritos históricos poderiam funcionar como uma forma de propaganda do governo ou, de modo contrário, que poderiam ser empregados como mecanismos de oposição a ele.

Tácito foi um historiador político. Segundo Griffin (2009), ele entendia que o foco do ofício da história era perceber as mudanças políticas. Com a instauração do principado romano, o autor latino acreditava que sua função como historiador era escrever sobre o governo, de forma a indicar inclusive o melhor modelo de governante;

<sup>5</sup> [...] But after the Battle of Actium, when the interests of peace required that all power should be concentrated in the hands of one man, writers of like ability disappeared; and at the time historical truth was impaired in many ways: first, because men were ignorant of politics as being not any concern of theirs; later, because of their passionate desire to flatter; or again, because of their hatred of their masters. So between the hostility of the one class and the servility of the other, posterity was disregarded. But while men quickly turn from a historian who curries favour, they listen with ready ears to calumny and spite; for flattery is subject to the shameful charge or servility, but malignity makes a false show of independence (TACITUS, *Histories*, Book I: I).

e a demonstrar que a tirania entre os homens políticos era muito comum em razão de muitos serem ignorantes nessa prática. Sendo assim, a história deveria fornecer bons exemplos à política.

O historiador e político do principado compôs suas narrativas históricas de acordo com o seu tempo. Para tanto, realizou pesquisas, recolheu informações e escreveu conforme o temperamento do público ouvinte e leitor. Isso significa que a história taciteana nunca é desinteressada e tampouco consegue se desvincular da política e da moral. Cornélio Tácito deu maior atenção aos acontecimentos políticos junto à sucessão do poder e os intentos bélicos. Ao escrever sobre esses assuntos, atentou-se aos aspectos negativos do imperador Galba e descreveu as grandes tensões civis pelos territórios sob o domínio de Roma; isso demonstra uma preocupação com o sistema político romano e com seu próprio momento histórico.

## A Imagem Imperial de Galba

O momento das guerras civis de 68 e 69 d.C. foi escrito por Cornélio Tácito como um período conturbado e de incertezas. Além disso, esses anos expuseram uma fragilidade do sistema político conhecido como imperial: não havia uma regra de transmissão do poder. Apesar de a maioria dos imperadores seguirem o caminho da hereditariedade, Roma não empreendia uma monarquia, isto é, o poder não era necessariamente hereditário.

Sérvio Sulpício Galba chegou ao poder sendo nomeado por suas tropas na província da Hispânia Terraconensis<sup>6</sup>. Era de família de antiga nobreza, mas de acordo com Martin (2004) o imperador rendeu desagrado entre os magistrados, senadores, pretorianos e a plebe urbana por ser velho e não ter um aspecto físico tão agradável, assim como por ter demonstrado sinais de parcimônia e severidade. Vale demarcar ainda que o historiador do principado não retratou o primeiro imperador do ano de 69 d.C. como um *optimus*, pois privilegiou os aspectos negativos em sua narração, deixando transparecer a figura de um *tyrannus*<sup>7</sup>.

O exercício do poder imperial requeria que o imperador se preocupasse com o bem público, que fosse comprometido com a *Rei Publica Causa*. Por exemplo, Galba subiu ao poder por considerar ser essa a melhor medida para todos os cidadãos. Isso significa que o *princeps* era o *pater patriae*, e Roma estava sob sua proteção.

O poder de um imperador romano contava com vários suportes, como as forças armadas e o reconhecimento legal constitucional — ou o termo que Wallace-Hadrill utiliza, a “pura inércia da máquina burocrática”<sup>8</sup> (1981, p. 298). Entretanto, para sustentar-se no poder, o *princeps* precisava possuir e ter reconhecidas as suas virtudes imperiais, pois ele deveria ser representado como a encarnação de todas essas, ou seja, como o primeiro entre os cidadãos. Para que o imperador conseguisse atingir esse patamar de governante desejável, esperava-se que detivesse a *virtus* tendo por base as correntes filosóficas então em evidência<sup>9</sup>. O exercício do poder imperial era complexo,

<sup>6</sup> Atual região da Espanha/Catalunha.

<sup>7</sup> Noção de *tyrannus* encontrada em: BÉRANGER, Jean. *Tyrannus. Revue des études latines*. Paris : Belles Lettres, vol. 13, n. 13, p. 85- 94, 1935.

<sup>8</sup> *Sheer inertia of a bureaucratic machine* (WALLACE-HADRILL, 1981, p. 298).

<sup>9</sup> Trata-se do estoicismo. De origem grega, a corrente filosófica foi fundada por Zenão, por volta do ano 315 a.C. A Escola Estóica considerava o mundo como um conjunto orgânico e animado. No que diz respeito

assim como era a instituição do principado, pois o governante concentrava em suas mãos o poder político, legislativo, militar e religioso.

Diante disso, a concepção de *tyrannus* se encontrava difundida na ideia de governo entre os romanos, sendo tema recorrente da literatura imperial, principalmente no que concerne à monarquia. Essa categoria de imperador tinha como antítese o *rex iustus*, que trazia a ideia de bondade e justiça, muitas vezes conduzido pela filosofia que agia em virtude do bem comum, pressupondo que o *rex* era o substituto desejável do *tyrannus*. Béranger (1953, p. 91) declara que, para os romanos, essa concepção estava baseada na figura de Júpiter, o rei dos deuses, o qual se caracterizava como um *optimus*. Por essa razão, encontramos as designações de *optimus princeps* para aqueles considerados soberanos adequados.

Tácito apresenta dois modelos de imperadores desejáveis, distintos dos imperadores dos anos de 68 e 69 d.C., aos quais ele se refere como “os deificados reinado de Nerva e o governo de Trajano” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: I)<sup>10</sup>, assim como Augusto:

Eles disseram que o mundo estava quase derrubado, mesmo quando o principado era o prêmio de um homem honesto; mas ainda o império permaneceu quando Júlio César venceu, e também tinha permanecido quando Augusto venceu (TÁCITO, *Histórias*, livro I: L).<sup>11</sup>

O historiador latino, nessas duas menções, descreve como homens honestos haviam passado pelo poder e garantido a segurança de Roma. O historiador, ao reconhecer os governos de Nerva e Trajano como divinos, considerava estes como homens aptos a governar de maneira a garantir a boa condução de Roma. A opinião sobre Augusto se refere à questão da manutenção da segurança dos territórios e do povo de Roma, constituindo-o o protetor do Império nos anos finais da República, marcada esta por diversas tensões, mas assegurada nas mãos do primeiro imperador. Essas menções elogiosas resultam do fato de que os governantes eram vistos como *optimus*, capazes de governar Roma em conformidade com o senado, de forma a manter o clima da *libertas* e a segurança dos cidadãos.

Tácito escreveu entre o final do século I d.C. e início do século II d.C., momento em que Domiciano foi deposto pelo senado e Marco Coceio Nerva foi o substituto, isto é, o fim da dinastia flaviana e o início da dinastia antonina, que também foi um período conturbado com possibilidades de guerras civis, mas com um desfecho diferente: o primeiro imperador antonino já se encontrava em idade avançada quando substituiu Domiciano, que fora assassinado por ser considerado um tirano, situação semelhante à de Galba. Entretanto, contrariamente ao imperador ancião dos anos de 68 e 69 d.C., Nerva contava com o apoio do senado, suas decisões eram consideradas sábias e havia conseguido manter a relativa paz no império.

Devido a essas características do início do reinado do primeiro antonino, Griffin (2008) afirma ser possível encontrar grande paralelismo com Galba nos momentos to à moral definiu que o homem nasceu para viver em harmonia com a natureza, moderando as paixões, entendidas como um movimento irracional da alma, contrário à razão.

<sup>10</sup> [...] the deified Nerva's reign and of Trajan's rule [...] (TACITUS, *Histories*, book I: I).

<sup>11</sup> They said that the world had been well-nigh overturned, even when the principate was the prize of honest man; but yet the empire had remained when Julius Caesar won, and had likewise remained when Augustus won (TACITUS, *Histories*, book I: L).



iniciais do reinado; além de terem chegado ao poder já idosos, o momento era de guerra civil e ambos não conquistaram a aprovação imediata da guarda pretoriana. Todavia, a figura do primeiro imperador antonino era distinta da do imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. Segundo Peachin (2006), as fontes retratam a clemência e a generosidade da figura de Nerva – em oposição à avareza e à crueldade atribuídas a Galba – e o fato de que tenha chegado ao poder, em 96 d.C., não por revolta armada, mas pelo consenso do senado.

O primeiro imperador antonino sabia que o período em que subiu ao poder era perigoso, uma vez que o imperador Domiciano tinha acabado de ser deposto pelos senadores. Em razão disso, Nerva não poderia demonstrar ser mais poderoso que o senado. De acordo com Peachin (2006), depois da morte do último imperador flaviano, a plebe demonstrava indiferença; soldados, principalmente os pretorianos, descontentamento, pois eram leais a Domiciano; e os senadores e magistrados satisfação, e sobretudo estavam poderosos. Sendo assim, Nerva deveria agir com cautela em suas ações futuras e, dentre todos esses setores, ele deveria ter cuidado ao lidar com os soldados do pretório. Para estes, apesar de ter tido a aprovação do senado, Nerva não tinha uma carreira militar significativa e, a princípio, “[...] encontrava-se encurralado pela guarda pretoriana.” (PEACHIN, 2006, p. 128)<sup>12</sup>.

Sobre essa questão, no entanto, Griffin (2008) assevera que o imperador ancião antonino tomou algumas medidas a fim de manter sua segurança, como por exemplo, adotar Trajano, que tinha a aprovação da plebe, do senado e dos exércitos. Ao fazer isso, Nerva conseguiu contentar os pretorianos que se encontravam insatisfeitos:

[...] Nisto ele imitou Galba, que de fato escolhera um favorito já designado herdeiro por sua vontade. Para restaurar sua autoridade, Nerva teve que fazer melhor do que o velho imperador de 69, como Plínio expressamente diz. Ele deveria aceitar um candidato da guarda, se houvesse um, ou encontrar um sucessor que teria tanto o poder de dissuadir ou vencer os requerentes rivais e a paciência de esperar até que seu pai adotivo encontrasse um fim natural. Nerva escolheu Marco Ulpio Trajano, o comandante de três legiões da Germânia superior, o maior exército consular. (GRIFFIN, 2008, p. 94-95)<sup>13</sup>

A adoção foi eficaz à Nerva para conter os ânimos desfavoráveis, na medida em que ele escolheu alguém que desfrutava de grande aprovação. Syme (1958, p. 23) interpreta esse fato como uma astúcia de Nerva. Consciente de que o pretório não o aprovava, ele se apoiou nas legiões, isto é, adotou um general de renome. O autor observa ainda que Trajano contava com a aprovação de inúmeras tropas, de modo que poderia ter iniciado uma guerra civil e dela sair vitorioso. A sua adoção, no entanto, abateu qualquer possibilidade de revolta.

O episódio da adoção de Trajano foi bem aceito pelos cidadãos, já que Nerva

<sup>12</sup> [...] found himself cornered by the praetorian guard. (PEACHIN, 2006, p. 128)

<sup>13</sup> [...] In this he imitated Galba, who had in fact chosen a favourite already designated heir in his will. To restore his authority, Nerva had to do better than had the elderly emperor of 69, as Pliny expressly says. He must either accept the candidate of the guard, if they had one, or find a successor who would have both the power to deter or overcome rival claimants and the patience to wait until his adoptive father met his natural end. Nerva chose Marcus Ulpius Trajanus, the commander of the three legions of Upper Germany, the nearest large consular army. (GRIFFIN, 2008, p. 94-95)

procurou “[...] pela república inteira [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XV)<sup>14</sup> um sucessor, ao invés de priorizar algum membro familiar. Griffin (2008, p. 95) analisa essa referência como de aprovação por parte de Tácito, pois ela sugere que a adoção de Pisão por Galba, narrada de forma positiva em *Histórias*, possa ser uma alegoria para a ação de Nerva que também realizou um belo discurso ao adotar Trajano. Peachin (2006), ao abordar o mesmo fato, observa que os antoninos foram os primeiros a conseguirem realizar esse tipo de sucessão; visto que Pisão foi assassinado pelos partidários de Otão e não chegou, portanto, ao poder. Para o império, figurou uma nova possibilidade de transmissão do poder de forma bem recebida.

Nos escritos contemporâneos do Principado, a figura de Trajano é muito louvada e não há menções negativas ao seu governo, ao seu caráter ou, até mesmo, à sua família. A esse respeito, Syme (1958) assinala que Trajano tinha uma fama positiva ao seu redor, de ser virtuoso, respeitar e conceder poderes ao senado, governar em harmonia com a aristocracia, ser moderado em suas ações, ou seja, um governante quase perfeito. Ademais, Griffin (2008) complementa que Trajano era muito popular entre todas as camadas sociais de Roma, conquistando inclusive o apoio do pretório, que havia ficado descontente com a morte de Domiciano. Alerta, porém, a estudiosa que todo documento otimista a respeito da figura desse imperador deve ser lido com cautela, de modo a sugerir que os frequentes elogios representem possível medo de repressão. Apesar dessa ressalva, o reinado do segundo imperador da dinastia antonina foi considerado o mais feliz e próspero para os cidadãos romanos.

Na mesma perspectiva, Costa (2014, p. 65) aponta que Trajano subiu ao poder bem assegurado, ao ponto de abdicar das atitudes divinizantes, dialogar com a cúria, expulsar delatores e prometer não condenar à morte ou perseguir senadores; ademais, ele retomou a política de conquistas e tentou reabrir o comércio com o oriente. O único aspecto questionado era sua origem hispânica, porém isso não impediu que Trajano renovasse os valores morais, políticos e militares de Roma, o que simbolizou um retorno aos costumes tradicionais. Vale também ser destacado, ainda com relação ao governo do segundo antonino, o seu aspecto conservador de manter o senado poderoso e de, aparentemente, interferir o menos possível em suas decisões, de modo a sugerir que Trajano manteve os grupos tradicionais dirigentes no comando.

Sobre a relação entre Trajano e o senado, muitos autores da historiografia mais recente parecem concordar que a relativa harmonia entre o imperador e o senado não deve ser considerada sem crítica. Dentre eles, Syme (1958) analisa que muitos dos senadores e dos magistrados eram nomeados pelo imperador, de maneira a insinuar que Trajano havia escolhido muitos homens favoráveis a ele. Em meio a estes, encontramos a figura de Tácito, que atingiu as mais altas magistraturas no governo daquele. Nesse sentido, Costa (2014) afirma que o segundo imperador antonino correspondeu aos ideais de seu tempo e a propaganda que circulava em torno dele referia-se à conciliação entre o *princeps* e os grupos dirigentes tradicionais. Portanto, um dos aspectos mais explorados do governo de Trajano, com o intuito de disseminar o seu bom desempenho, era sua boa relação com o senado e seus magistrados, ou seja, sua capacidade de equilibrar o novo e o antigo regime em Roma.

Já Peachin(2006) escreve que Trajano foi considerado um bom imperador na medida em que deixava o senado contente, não por conceder plenos poderes aos

<sup>14</sup> [...] in the whole state [...] ((TACITUS, *Histories*, book I: XV)

senadores e magistrados, mas por não persegui-los e por respeitar as decisões desses; o que sugere que “[...] Trajano tinha decidido se subordinar as leis que não destinavam a se aplicar a um imperador.” (PEACHIN, 2006, p. 146)<sup>15</sup>

Ademais, o segundo imperador antonino foi considerado moderado em suas ações, pois, segundo Syme (1958), ele recusou as grandes honrarias e não esbanjou oferecendo presentes às multidões. De forma semelhante, Costa (2014) afirma que Trajano não abusou do poder, visto que exercia suas magistraturas não como forma de prestígio pessoal mas para o bem-estar do império. Para além de governante, ele se considerava um cidadão: “[...] a cidadania, sinônimo de simplicidade, é apresentada para abrandar a superioridade do poder imperial e também para contrastar com a importância da magistratura” (COSTA, 2014, p. 109). Ainda, após a morte de Nerva, Trajano não retornou imediatamente a Roma a fim de ocupar seu lugar, uma vez que se encontrava em campanha nas províncias; só tendo marchado à capital cerca de dezoito meses depois. Dessa forma, o imperador recebeu o título de *optimus princeps* por não demonstrar caráter tirânico e sim ostentar virtudes prestigiadas, como a *auctoritas*, *mosmaiorum*, *iustitia*, *clementiae* e *uirtus*.

Costa (2014) continua sua argumentação registrando que Roma foi marcada por um processo de conquistas e de incorporação de valores dos povos conquistados, de modo que grande parte do poder do imperador dependia da influência que este exercia junto aos exércitos, já que ser reconhecido pelas forças militares era um fator estabilizador. Costa (2014) e também Griffin (2008) sustentam que Trajano foi um excelente militar e isso contribuiu para que fosse escolhido por Nerva. Sua conduta como general era ser brando com os romanos de nascimento e firme com os povos conquistados; e o fato de agir como soldado tranquilizava e dava segurança também ao senado.

A construção da imagem de Galba por Tácito se deu nesse contexto de aprovação dos antoninos. E essa imagem, sendo categoricamente negativa, contrastou com as ações positivas de Nerva e Trajano.

Dialogando com essa ideia, Morgan (2006) escreve que o historiador deu maior enfoque à ausência de *auctoritas* em Galba, visto que, devido à idade avançada do imperador e à sua falta de firmeza nas decisões, acabou por entregar o comando de Roma às mãos de homens desonrados próximos a ele; à sua avareza, a qual poderia simbolizar a sua falta de *moderatio*; bem como à sua crueldade, isto é, ao seu escasso uso da clemência, característica esta que correspondente à vida pública.

A narrativa a respeito de Galba não é, contudo, completamente depreciativa. Em *Histórias*, ele é descrito de maneira a transparecer uma formação nobre e uma origem respeitável; suas ações como governante, porém, acabam denunciando um caráter mais tirânico do que virtuoso. Inicialmente, portanto, Tácito não demonstrou repreender completamente a ascensão do imperador ancião, visto que este simbolizou o fim do governo do grande tirano, o de Nero.

Embora a morte de Nero tenha sido acolhida com grande alegria, também despertou variadas emoções, não só na cidade entre os senadores, a população e os soldados cidadãos, mas também em todas as legiões e generais; pois o

<sup>15</sup> [...] Trajan had decided to subordinate himself to the laws that were not meant to apply to an emperor. (PEACHIN, 2006, p. 146)

segredo do império agora estava revelado, um imperador poderia ser feito em outros lugares além de Roma. Os senadores se regozijaram e fizeram pleno uso de sua liberdade, como era natural, pois tinham que fazê-lo enquanto o novo imperador ainda estava ausente. Os principais membros da ordem equestre estavam quase tão eufóricos quanto os senadores. A parte respeitável dos cidadãos e os que estavam ligados às grandes casas, os clientes e libertos daqueles que haviam sido condenados e expulsos para o exílio, todos foram despertados para a esperança. As camadas mais baixas, viciadas no circo e no teatro, juntamente com os escravos mais baixos e os homens que haviam desperdiçado sua propriedade e sua vergonha, e costumavam depender da recompensa de Nero, ficaram abatidos e se agarraram a cada rumor. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: I)<sup>16</sup>

O excerto sugere que as camadas mais abastadas da sociedade se sentiram esperançosas com a aclamação de Galba, que figurava prometer tempos mais prósperos e pacíficos. Isso se deve ao fato de que o imperador ancião – frente à imagem de Nero como um grande tirano construída por Tácito – parecia uma opção mais favorável ao governo de Roma.

Martin (2004) relata outro aspecto positivo do primeiro imperador de 69 d.C., isto é, apesar de pouco se saber sobre a origem de Galba e de seus familiares, a carreira militar deste destacava-se e sua fama era reconhecida nesse setor:

[...] Ainda quando era vigoroso fisicamente, ele apreciava a reputação por seus serviços militares na Província da Germânia. Como procônsul ele governou a África com moderação e quando ele já era um homem velho, governou a Espanha citerior com a mesma retidão. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XLIX)<sup>17</sup>

Ademais, a formação e a conduta de Galba como um general são louvadas por Tácito, assim como seu caráter firme frente às bajulações: “[...], pois Galba mostrou um espírito notável em verificar a licença por parte dos soldados; antes das ameaças ele se demonstrou sem medo e incorruptível contra a adulação.” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XXXV)<sup>18</sup>.

Quando o general chegou ao poder ele tinha cerca de 72 ou 73 anos de idade, isto é, “Galba era fraco e velho” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: VI)<sup>19</sup> e isso fez com que os homens que compunham seu círculo pessoal agissem sem limite algum, visto que

<sup>16</sup> Although Nero's death had at first been welcomed with outbursts of joy, it roused varying emotions, not only in the city among of the senators and people and the city soldiery, but also among all the legions and generals; for the secret of empire was now disclosed, that an emperor could be made elsewhere than Rome. The senators rejoiced and immediately made full use of their liberty, as was natural, for they had to with a new emperor who was still absent. The leading members of the equestrian class were nearly as elated as the senators. The respectable part of the common people and those attached to the great houses, the clients and freedmen of those who had been condemned and driven into exile, were all roused to hope. The lowest classes, addicted to the circus and theatre, and with them the basest slaves, as well as those men who had wasted their property and, their shame, were wont to depend on Nero's bounty, were cast down and grasped at every rumour. (TACITUS, *Histories*, book I: IV)

<sup>17</sup> [...] While he was vigorous physically, he enjoyed a reputation for his military service in the German provinces. As proconsul he governed Africa with moderation and, when he was already an old man, ruled Hither Spain with the same uprightness. (TACITUS, *Histories*, book I: XLIX)

<sup>18</sup> For Galba showed a remarkable spirit in checking licence on the part of the soldiers; before threats he was unterrified, and incorruptible against flattery. (TACITUS, *Histories*, book I: XXXV)

<sup>19</sup> Galba was weak and old. (TACITUS, *Histories*, book I: VI)

não sofreriam repreensão devido à debilidade do corpo e da mente do general ancião, somadas à mediocridade de seus julgamentos: “[...] uma vez que eles estavam lidando com um homem enfermo e confiante, eles tinham menos do que temer e mais esperança em seus atos errados [...]” (TÁCITO, *Histórias*, livro I: XII)<sup>20</sup>.

Sobre a frequente descrição da velhice e fragilidade atribuídas à Galba, Martin (2004) analisa essa ênfase como um recurso a fim de demonstrar a carência de *auctoritas* por parte do primeiro imperador de 69 d.C., uma vez que as características físicas nas narrativas não se dissociam do comportamento dos governantes. Assim, o imperador não detinha a autoridade nem o respaldo nas leis, e tampouco evidenciava essa virtude em sua conduta.

Não só a idade avançada fez da figura de Galba negativa, mas sua falta de paralelismo positivo com o comportamento com os primeiros antoninos foi descrito aos poucos durante a narração de Tácito. Assim, podemos destacar um dos maiores vícios à Galba atribuído, ou seja, a avareza. De acordo com Morgan (2006) essa característica tirânica, era presente na figura imperial, por conta da falta de pagamento de donativos aos soldados que lutaram ao lado do imperador nas guerras civis de Vindex em 68 d.C. Sendo assim, a menção da excessiva parcimônia do primeiro imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. é relatada já no início da obra quando as guerras promovidas por Vindex contra Nero, que acabaram resultando na ascensão do imperador ancião, são rememoradas:

Os soldados citadinos costumavam jurar fidelidade aos Césares e tinham sido levados a desertar de Nero, por uma pressão mais inteligente do que suas próprias inclinações. Agora quando viram que os donativos, que lhes haviam prometido em nome de Galba não haviam sido dados [...]. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: V)<sup>21</sup>

Moore (2014) pondera que o imperador não havia prometido pagamento aos soldados que assumiram estar ao seu lado, mas Ninfídio Sabino (35-68 d.C.), que era prefeito do pretório sob Nero, havia prometido pagamentos generosos pelo apoio a Galba. No entanto, o primeiro imperador das guerras civis de 68 e 69 d.C. da construção taciteana não conseguiu perceber que os soldados se encontravam descontentes por esse motivo, já que sua conduta, aos moldes antigos, não o permitia pagar donativos ou oferecer presentes aos seus soldados; afirmava aquele preferir conquistar estes a comprá-los. Mas Tácito demonstra que essa atitude não foi sábia da parte de Galba: os tempos já não eram os mesmos do início de sua carreira militar.

Para além das carências políticas, a figura construída acerca do então imperador é a de um gênio cruel e sanguinário, a quem faltava clemência em suas ações, tanto para com romanos quanto para com os povos submetidos a Roma. Esse caráter cruel é descrito desde o início da obra taciteana:

<sup>20</sup> Since they were dealing with an infirm and confiding man, they had less to fear and more to hope from their wrong-doings. (TACITUS, *Histories*, book I: XII)

<sup>21</sup> The city soldiery had long been accustomed to swear allegiance to the Caesars, and had been brought to desert Nero by clever pressure rather than by their own inclinations. Now when they saw that the donative, which had been promised in Galba's name, was not given them [...]. (TACITUS, *Histories*, book I: V)

A aproximação de Galba para Roma foi vagarosa e sangrenta: o cônsul eleito, Cigônio Varro e Petrônio Turpiliano, um ex-cônsul, foram condenados a morte: Cigônio por ter sido cúmplice de Ninfídio, Petrônio por ter sido um general de Nero; foram mortos sem direito a falarem ou se defenderem, sendo que muitos homens os consideravam inocentes. A entrada de Galba em Roma foi de mau-agouro, pois milhares de soldados desarmados haviam sido massacrados, e isso inspirou medo nos homens que foram seus assassinos. (TÁCITO, *Histórias*, livro I: VI)<sup>22</sup>

O trecho evidencia que Galba não deteve em momento algum as virtudes da clemência e da justiça. Sem reflexão ou não tendo permitido aos homens se defenderem, o imperador acabou tirando a vida de magistrados importantes e de soldados romanos, que provavelmente nem tivessem oferecido resistência à sua chegada, já que estavam desarmados. Sobre esse aspecto, Leme (2015, p. 191) sustenta que Galba deu indícios de que seria um bom governante. O seu caráter cruel, contudo, eliminou essa possibilidade, ao deixar o senado amedrontado e os demais cidadãos temerosos. Ademais, Moore (2014) confirma a colocação anterior destacando que muitas denúncias de assassinatos decorridos nas províncias foram entregues ao governante idoso e que este as negligenciou, enviando somente seus procuradores para investigar os acontecimentos.

Podemos considerar que apesar de Tácito privilegiar as decisões políticas e militares em seus escritos, é perceptível a construção da imagem dos imperadores. Para tanto, ele privilegiou três aspectos tirânicos de Galba: a carência de *auctoritas*, a avaréza e a crueldade. E a partir desses três aspectos, todas as ações e decisões do imperador ancião demonstravam algum desses vícios. Assim, as qualidades, atribuídas à sua origem nobre, e o fato de ter exercido bem as funções enquanto militar não conseguiram amenizar as suas faltas. Essas características apresentadas para Galba são contrárias as que Tácito se refere a Nerva e Trajano, isto é, o historiador latino buscou a base em sua contemporaneidade para descrever os outros governantes.

## Considerações finais

Cornélio Tácito foi um historiador e político de seu tempo. Proveniente da ordem equestre conseguiu ingressar na ordem senatorial e desempenhar altas magistraturas no governo de Trajano. Sua vivência na corte trajânica é expressiva em seu trabalho. Seus escritos apesar de se remeterem aos acontecimentos das guerras civis de 68 e 69 d.C., também fazem sentido em sua contemporaneidade. A exposição da qualidade de um bom militar, antiga nobreza e escolha de um imperador em idade avançada, são aspectos correspondentes tanto ao governante sucessor à morte de Nero quanto à morte de Domiciano.

Os escritos do historiador latino são tributários do principado romano. Tratava-se de um modelo político fundamentado em valores morais que, em sua maioria, provinham das ordens dirigentes da sociedade, isto é, dos senadores e equestres. A

<sup>22</sup> Galba's approach to Rome had been slow and bloody: the consul-elect, Cigonius Varro, and Petronius Turpilianus, an ex-consul, had been put to death; Cigonius because he had been an accomplice of Nymphidius, Petronius as one of Nero's general: they were killed unheard and undefended, so that men believed them innocent. Galba's entrance into Rome was ill-omened, because so many thousand of unarmed soldiers had been massacred, and this inspired fear in the very men who had been their murderers. (TACITUS, *Histories*, book I: VI)

política do principado foi complexa. Passou por períodos conflituosos e constantes mudanças e a figura com maior poder nesse cenário foi a do imperador.

O governante era o *pater patriae*: deveria ser o detentor da mais alta *dignitas*, receberia o título de *princeps* – primeiro cidadão – e deveria assumir as virtudes da *clementia*, *iustitia*, *uirtus* e da *pietas*. Acima de todos esses poderes, as ações do *princeps* deveriam ser em prol do bem-estar de Roma e de seus concidadãos. As narrativas históricas de Cornélio Tácito não favoreceram os modelos do primeiro imperador das guerras civis, pois enfatizaram suas características reprováveis, dando expressividade aos aspectos da parcimônia, severidade e falta de *auctoritas*.

Tácito escreveu sobre um imperador considerado tirano, pois vivenciava um período considerado pacífico e próspero pelas ordens, senatorial e equestre, as quais ele pertenceu. No entanto, Trajano fora considerado um *optimus princeps*, virtuoso, mantenedor das tradições romanas e preocupado com o bem-estar de Roma. Qualidades estas que, possivelmente, motivaram o historiador a escrever sua obra, por oferecerem um significativo contraste aos vícios do imperador de 68 e 69 d.C.

## Fontes

HERÓDOTO. *Histórias*(livros I-II). Introdução por Maria Helena da Rocha Pereira, tradução e notas por José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva. Lisboa: Edições 70, 2003.

PLÍNIO, EL JOVEN. *Cartas*. Introducción, traducción y notas de Julián González Fernández. Madrid: Gredos, 2005.

TACITUS, P. Cornelius. *Histories*, vol. II. Introduction, Translate and notes by Clifford H. Moore. Cambridge/ Massachusetts/ London: Loeb classical library/Harvard University press, 2014.

TACITUS, P. Cornelius. *Histories*, vol. III. Introduction, translate and notes by Clifford H. Moore. Cambridge/ Massachusetts/ London: Loeb classical library/ Harvard University press, 2014.

## Referências

AUERBACH, Erich. Fortunata. In:\_\_\_\_\_. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1994, p. 21-42.

BÉRANGER, Jean. *Recherches sur l'aspect idéologique du principat*. Verlag Friederich Reinhardt Ag Basel, 1953.

BLOCH, March. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

COSTA, Alex Aparecido da. *As virtudes do príncipe ideal no Panegírico de Trajano de Plínio, o jovem*. 208 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

- GRIFFIN, Miriam. Nervato Trajan. In: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic. *The Cambridge Ancient History: the High Empire, A.D 70-192*, vol. XI. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 84-131
- GRIFFIN, Miriam. Tacitus as a historian. In: WOODMAN, A. J. (org.). *The Cambridge companion to Tacitus*. New York: Cambridge university press, 2009, p. 168-183.
- HARTOG, François. *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- LEVENE, D. Speechs in the Histories. In: WOODMAN, A. J. (org.). *The Cambridge companion to Tacitus*. New York: Cambridge university press, 2009, p. 212-224.
- MARTIN, Régis F. *Les Douze Césars : du mythe à la réalité*. Paris : Les Belles Lettres, 2004.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração (EDUSC), 2004.
- MOORE, Clifford. Introduction. In: TACITUS. *Histories*, vol. I. Translate, introduction and notes by Clifford Moore. Cambridge: Loeb classical library/Harvard University press, 2014, p. vii-xviii.
- MORGAN, Gwyn. *69 A.D: The year of four emperors*. Oxford/New York: Oxford university press, 2006. Disponível em: [http://www.preteristarchive.com/Books/2006\\_morgan\\_ad69\\_four-emperors.html](http://www.preteristarchive.com/Books/2006_morgan_ad69_four-emperors.html). Acessado em: 17/11/2016.
- OAKLEY, S. P. Style and language. In: WOODMAN, A. J. (org.). *The Cambridge companion to Tacitus*. New York: Cambridge university press, 2009, p. 195-211.
- PARATORE, Ettore. Tácito. In: \_\_\_\_\_. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Caloute Gulberkian, 1983.
- PEACHIN, Michael. Rome the Superpower: 96-235 C.E. In: In: POTTER, David S. *A companion to the Roman Empire*. Malden: Blackwell, 2006, p. 410-438. Disponível em: [http://ghswhite.weebly.com/uploads/1/3/4/7/13471366/the\\_blackwell\\_companion\\_to\\_the\\_roman\\_empire.pdf](http://ghswhite.weebly.com/uploads/1/3/4/7/13471366/the_blackwell_companion_to_the_roman_empire.pdf). Acesso em: 20 jan. 2014.
- RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- SYME, Ronald. *Tacitus*, vol. I. Oxford: Oxford University press, 1958.
- WALLACE-HADRILL, Andrew. The emperor and his virtues. *Historia, Zeitschrift für Alte Geschichte*, vol. 30, n. 03, p. 298-323, 1981. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4435768>. Acesso em: 24 nov. 2010.